



## KIT-GAY: “BEIJO PARA AS HOMOFÓBICAS”

**FELIPE AURÉLIO EUZÉBIO<sup>1</sup>**; **NEWAN ACACIO OLIVEIRA DE SOUZA<sup>2</sup>**;  
**ANALISA ZORZI<sup>3</sup>**; **LOUISE PRADO ALFONSO<sup>4</sup>**

<sup>1</sup> Universidade Federal de Pelotas – [felipe.aurelio197@hotmail.com](mailto:felipe.aurelio197@hotmail.com)

<sup>2</sup> Universidade Federal do Rio Grande – [newansouza@outlook.com](mailto:newansouza@outlook.com)

<sup>3</sup> Universidade Federal de Pelotas - [ana.ipdufpel@gmail.com](mailto:ana.ipdufpel@gmail.com)

<sup>4</sup> Universidade Federal de Pelotas – [louiseturismo@yahoo.com.br](mailto:louiseturismo@yahoo.com.br)

### 1. INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é apresentar uma parte do estudo que vem sendo realizado sobre os escritos de sujeitos que participaram da oficina *KIT GAY: Construindo Saberes para Discussão de Gênero e Sexualidade em Contextos Educacionais*, realizada em maio de 2019, na Universidade Federal de Pelotas.

Centrado no debate da “ideologia de gênero”, o material que iremos apresentar aqui não se trata do que foi comumente conhecido como kit-gay no Brasil. Pretendemos dar continuidade no construir de outra ideia, de um olhar propriamente *Queer*<sup>1</sup> para este que foi símbolo de discursos políticos ultraconservadores e da negação de uma educação pública mais plural e acolhedora para com a população LGBT+ do país.

Para tanto, fizemos a análise das expressões escritas de três sujeitos participantes da oficina com o propósito de compreender algumas ideias e sentimentos relacionados a possibilidade de constituição de um “Kit-Gay”-conjunto de objetos, saberes, sentimentos e mídias próprios a cultura LGBT+ e que possibilite o debate e acolhimento desta população no espaço escolar. Nesse sentido, a intenção foi apreender percepções no confronto com essa temática.

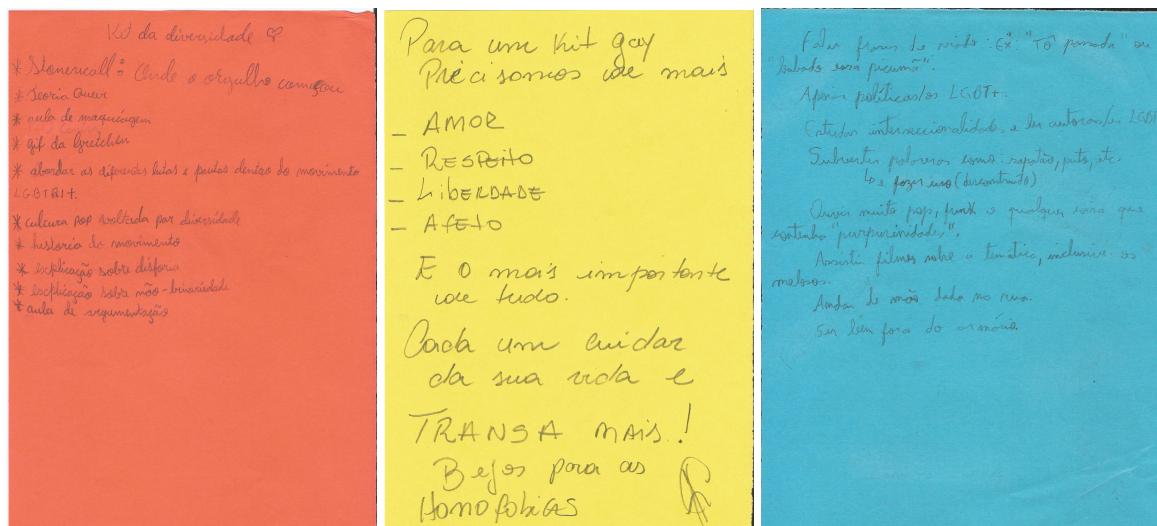
### 2. METODOLOGIA

Nos dias 14, 15 e 17 de Maio, na Universidade Federal de Pelotas, o evento *P.O.C.* realizou sua primeira edição. Vinculado ao *Projeto de Extensão Mapeando a Noite: O Universo Travesti*, desenvolvido pelo Grupo de Estudos Etnográficos Urbanos (GEEUR) e ao *Centro Acadêmico Florestan Fernandes* dos cursos de Ciências Sociais (UFPEL), o evento ocorreu junto a semana mundial da luta contra a homofobia. Neste, a oficina *KIT GAY: Construindo Saberes para Discussão de Gênero e Sexualidade em Contextos Educacionais* surge com a proposta de ressignificar o debate em torno do que seria a “ideologia de gênero” no Brasil a partir de um exercício similar ao dado às palavras: Seja viado, sapatão, bicha ou travesti, o que antes era visto como insulto hoje é sinônimo de orgulho.

Sendo assim, os e as participantes desta oficina foram desafiados a construir seus próprios “Kit-Gay” numa folha de papel colorido pensando em tudo aquilo que esse, LGBT+ ou não, gostaria que estivesse presente no ambiente escolar para que a educação no Brasil deixe de ser um dos primeiros espaços de

<sup>1</sup> Este termo, com toda sua carga de estranheza e de deboche, é assumido por uma vertente dos movimentos homossexuais precisamente para caracterizar sua perspectiva de oposição e de contestação. Para esse grupo, queer significa colocar-se contra a normalização – venha ela de onde vier. Seu alvo mais imediato de oposição é, certamente, a heteronormatividade compulsória da sociedade (LOURO, 2001: 546).

exclusão vivenciados por pessoas não heteronormativas (CASTRO, 2004 apud BORTOLINI, 2011)<sup>2</sup>. Assim, a partir de uma análise do conteúdo, refletiremos as mais diversas possibilidades que estes materiais apresentam. Os caminhos até a escola, seus sujeitos e conflitos, que tomam novas formas em suas narrativas expressas no papel:



#### Arquivo Pessoal

Não seria possível, no entanto, apenas anexar as imagens soltas no texto. É preciso atenção às palavras e as narrativas que nelas se encontram. Luiza Helena Pereira, tratando-se de análise de conteúdo, dirá que há algo nas próprias palavras (PEREIRA, 1998: 95) que nos ajudam a buscar o sentido das mensagens. Ora, esses "Kit-Gay" não foram escritos em qualquer contexto, estão entrelaçados, pelo espaço da oficina e pela universidade, às histórias e falas de sujeitos que vivenciaram o espaço escolar e trazem na memória os discursos e posicionamentos de exclusão, de violência e de invisibilidade para com a população LGBT+.

Já na primeira imagem nos deparamos com um contraste interessante à análise. Ao colocar teoria queer, aulas de maquiagem e cultura pop "lada a lado" é possível perceber que os limites do conhecimento tido como formal/acadêmico não são suficientes em potencialidade pedagógica. Esse contraste se repetirá novamente diversas vezes, pois no tratar de questões de gênero e sexualidade, é no exercício de observar, ver e ouvir o que se constituiu enquanto movimento LGBT+, sua história, que encontramos outras abordagens.

Surge uma gama gigantesca de narrativas onde a diversidade permeia os mais diferentes espaços. Seja nas escolas, esquinas ou universidades, esses sujeitos queer estão presentes. Assim, ser cada vez mais fora do armário significa explorar outros recursos, outras metodologias. Utilizar da música (cultura pop),

<sup>2</sup> Em 2004, um estudo da UNESCO apontava para um alto índice de imagens homofóbicas e de intolerância quanto a homossexualidade entre estudantes e professores. A discriminação contra homossexuais - diferentemente de outras formas, como aquelas relacionadas a racismo e a sexismismo misógino - não é somente mais abertamente assumida, mas também valorizada, entre jovens alunos (Castro, 2004). Neste estudo, 25% dos alunos entrevistados afirmaram que não gostariam de ter colegas homossexuais. O percentual fica maior ainda quando se trata apenas dos meninos (BORTOLINI, 2008: 32).

das palavras subvertidas, dos filmes, séries e vídeos disponíveis online para incorporar na educação esse amor, respeito, liberdade e afeto..

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Cada um dos papéis coloridos conta uma história única e que traz em si necessidades, desejos, mensagens, ideias e sentimentos que, talvez, uma leitura apenas analítica não desse conta de sua totalidade. *Teoria Queer; Britney Spears; Aulas de maquiagem; História do Movimento, Gif da Gretchen; Amor; Falar Frases de viado; Subverter palavras; Bandeira LGBT+; Performance Drag; Elis Regina*; Entre outras tantas coisas, aparecem e se repetem na leitura dos quase 20 “Kit-Gay” confeccionados na oficina, fazendo deste objeto de pesquisa algo único e rico em possibilidades.

É na narrativa, inspirado pelo texto de Sônia Maluf (1999), que começamos a esboçar um método de análise que fuja do engessamento quantitativo. Segundo a autora, uma abordagem antropológica da narrativa como forma de interpretação da experiência individual/coletiva e como veículo de sentido permite perceber cada percurso individual. Portanto, o que está sendo dito não traz sentido apenas no contexto político do debate sobre “ideologia de gênero”, mas também no que diz respeito às discussões sobre escola e educação.

É impossível negar que o espaço escolar tem grande influência sobre diversas formas de interação humana, como devemos nos comportar, pensar e nos relacionar com outros indivíduos parece ser moldado desde os anos iniciais. Assim, pensar sexualidades e a constituição das identidades no ambiente escolar faz-se necessário ao diálogo com a população LGBT+. Guacira Lopes Louro, em *Pedagogias da sexualidade* (2013), dirá que homens e mulheres adultos contam com determinados comportamentos ou modos de ser que parecem ter sido “gravados” em suas histórias pessoais. Segundo ela,

Para que se efetivem essas marcas, um investimento significativo é posto em ação: família, escola, mídia, igreja, lei participam dessa produção. Todas essas instâncias realizam uma pedagogia, fazem um investimento que, frequentemente, aparecem de forma articulada, reiterando identidades e práticas hegemônicas enquanto subordina, nega ou recusa outras identidades e práticas. (LOURO, 2013, p.25)

Levando em conta que são inúmeros os casos de repressão, violência, discriminação e censura justificados na “luta” contra a “ideologia de gênero”, nos indagando se o que pensávamos enquanto “discurso” de uma classe extremamente conservadora já estaria sendo aplicado enquanto uma pedagogia que se articulada na manutenção das constituições dos sujeitos masculinos e femininos “normais”, exigindo, portanto, o que propomos como novas abordagens à temática, o exercício do ressignificar e se apropriar das construções dos discursos e mídias.

### 4. CONCLUSÕES

Gostaríamos de destacar, mais uma vez, que este ainda é um trabalho em desenvolvimento, portanto, as análises aqui apresentadas não estão de forma alguma fechadas em ideias fixas. O que gostaríamos de trazer com esta breve



apresentação são as potencialidades deste tipo de abordagem para além da urgência de discutir educação, gênero e sexualidade no país da “mamadeira de piroca”.

Falamos muito aqui sobre os caminhos que estas narrativas podem e devem percorrer pela e para educação. A questão, então, não se trata de como incluir esses debates no ambiente escolar - até porque esses já estão lá - mas de como construir uma nova prática educacional. Bortolini dirá que isto significaria ir a partir do diálogo e do encontro entre diferentes grupos e sujeitos, sem ignorar a tensão trazida pelo conflito e, mais que isso, perceber o próprio conflito, a própria diferença, em seu potencial pedagógico (BORTOLINI, 2011). Assim, vamos complexificando os debates, e o que começou como uma oficina abre margem para que outras histórias misturem-se ao fazer acadêmico e vozes, historicamente silenciadas, tenham a chance de serem ouvidas por aqueles que formam educadores e fazem a educação.

## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BORTOLINI, A.S. . Diversidade sexual e de gênero na escola - Uma perspectiva Intercultural e Interrelacional. **Revista Eletrônica Espaço Acadêmico** (Online) , v. 11, p. 27-37, 2011.

CASTRO, Mary; ABRAMOVAY, Miriam; SILVA, L. B. **Juventudes e Sexualidade**. Brasília: UNESCO, 2004.

LOURO, G. Teoria queer: uma política pós-identitária para a educação. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 9, n.2, p. 541-553, 2001.

LOURO, Guacira Lopes. **Pedagogias da sexualidade**. In: LOURO, G. L. (Org.) O corpo educado: pedagogias da sexualidade. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013. p. 7-34.

PEREIRA, L. H. . A análise de conteúdo: um approach do social. **Cadernos de Sociologia** Ppgs Ufrgs , Porto Alegre, v. 9, p. 87-114, 1998.

MALUF, S. W. . Antropologia, narrativas e a busca de sentido. **Horizontes Antropológicos** , Porto Alegre, v. 5, n.12, p. 69-82, 1999.